

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA
Mensário Regionalista – Preço: Eur 1,00

Editorial *por Armando Saraiva*

Continuam a fechar casas comerciais em Fão. A última a encerrar as portas foi a Lavandaria Mónica, mas, segundo nos disseram, não se tratou de caso de falência ou coisa parecida. O que aconteceu foi que a respectiva proprietária casou-se e foi viver para a terra do marido. Ainda tentou transicionar o estabelecimento, mas como não chegaram a acordo quanto às condições do trespasse, o negócio não se realizou e assim foi mais uma casa comercial que fechou em Fão, o que se lamenta.

freguesias vizinhas. No que diz respeito a comidas, o que temos bom, de facto, quero dizer, compensatório é aquela semana de Agosto que o Zé Artur inventou. Mas essa semana, aqui como em qualquer lugar, são apenas sete dias, o que convenham é muito pouco.

Já me lembrou, ou melhor, eu pergunto-me às vezes, se alguém resolvesse pôr aqui em Fão um restaurante com um prato imbatível, se não teria êxito. E a reforçar tal pergunta, eu avanço para a sua concretização: se esse possível alguém resolvesse

Responda quem souber

E naturalmente surge a pergunta que se impõe: que negócio é que dará em Fão? Turismo com exigências de sol, não me parece viável aqui em Fão. É que de facto não há sol, sol que se veja, aqui na nossa terra. Talvez em Julho e na primeira quinzena de Agosto se possa dizer que sim, que é possível, que talvez. Mas isso apenas para mês e meio. E de que é que Fão vai viver nos restantes 320 dias do ano?

Temos os hotéis. Hotéis, não. Presentemente Fão dispõe de um hotel e de uma estalagem. Conseguem sobreviver? Só isso, o que não parece confortável. E quanto a restaurantes? Já fomos ultrapassados, por algumas

apresentar na ementa um bife de boi ou de vaca como se faz num restaurante do Porto (e em mais nenhum lugar) teria êxito? Responda quem souber.

FESTIVAL

No seguimento da programação do Festival Foz do Cávado, realizou-se no passado dia 6 de Novembro de 2004 pelas 21.30 horas na Igreja Paroquial de Gandra, um Recital de Cordas pelo «Quarteto de Cordas em Si» constituído por Carlos Pinto da Costa (violino), Maria Eufrázio (violino), Hugo Diogo (viola) e António Ferreira (violoncelo).

*Foi um verdadeiro sucesso.
Eventos desta natureza são sempre bem vindos.*

O Novo Fangueiro vai fechar as portas? Não

Temos recebido inúmeras provas de carinho de diversas pessoas que se têm revelado amigos de Fão e principalmente do nosso Jornal.

Neste momento está afastada a hipótese de encerrarmos a publicação do jornal.

Bem haja a todos quanto contribuíram para esta nossa decisão

Galeria de Vultos Diferentes

ARTUR LOPES COSTA


Ao ver o perfil da pessoa que escolhemos hoje para emoldurar esta galeria, ocorre-nos a mesma para que por antecipação julgamos ouvir da boca de alguns conterrâneos quando há anos colocamos neste espaço a fotografia do dr. Henrique Barros Lima: «alto af que este não nasceu em Fão, mas, sim, em Esposende», ao que nós retrocamos: «mas viveu e trabalhou em Fão durante anos. Foi o caso do referido clínico e de mais outros prestantes cidadãos: Prof. Pio Rodrigues, Albino Torres, António Agonia Pereira entre outros cujos nomes não nos ocorrem de momento.

(Continua na pág. 4)

O Novo Fangueiro vende-se na Didáctica Papelaria

Rua dos Bombeiros Voluntários, 16 – FÃO – Telef. 253 983 514

**PAGUE A
ASSINATURA**



Seu nome,

*Miguel
Filipe...*

Um menino bem dotado,
Nasceu a um de Novembro,
"Dia de Todos os Santos",
Pelos católicos consagrado.

Nove aninhos ele faz,
Escreve e lê muito bem;
Com o canal *Cartoon* se apraz,
E aprende inglês também.

Nada que nem um peixinho,
Sua destreza me espanta;
É ainda tão novinho,
Talvez por isso me encanta.

Quantas vezes me deleito,
Olhando p'ra ele, pensando...
E o meu gosto é satisfeito:
Atiro-me à água, nadando...

Ficamos os dois à porfia:
- Qual de nós chega primeiro?
Ele me escapa, feito enguia,
Chega ao fim todo lampeiro.

Refeita do desatino,
É então que peço a Deus
Que abençoe este menino,
Sempre puro aos olhos meus.

Com um beijinho da «vóvó Nita»,

Maria Henrique Duval

Agenda 2005

Com a autoria de Maria Raquel recebemos 2 agendas 2005 que nos foram amavelmente enviadas pela Porto Editora.

O aspecto gráfico reflecte a capacidade da maior Empresa livreira escolar do País.

Dado os assuntos que insere, não foi só uma agenda que recebemos mas uma autêntica enciclopédia dirigida à cultura das pessoas.

Para além da calendarização que é sua função específica, a referida agenda inclui variadas secções que englobam poemas, receitas, passatempos, conselhos, de beleza, medicina doméstica, efemérides históricas, um sem fim de conhecimentos que vão enriquecer a bagagem cultural das pessoas.

Uma ressalva: as anedotas parecem-nos inéditas, algumas sem «sal» e outras, pelo menos uma outra, consegue ser «malandra» sem explicitamente conter malandrice...

O leitor procure-a.

DAR SANGUE É DAR VIDA



**Dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever do dar,
antes do direito de o receber**

Fão revisitado

No passado dia 22 de Outubro realizou-se na Cooperativa Cultural de Fão uma Palestra, subordinada ao título: «Serões de Alma Fangeira». Foi palestrante o conhecido e muito apreciado Quim de Fão.

Depois de apresentado pelo dr. Óscar Viana à assistência que enchia por completo o salão, principiou por dizer o dr. Joaquim Peixoto que toda a sua comunicação era baseada em documentos autênticos e não no «diz-se» ou «parece que foi».

Começou por afirmar que Fão viveu o seu apogeu entre 1855 e 1916. Aqui verificou-se um interregno que vai até 1944, data em que principia uma Nova Era que se prolonga a 1974 com o aparecimento de Ofir.

Nos tempos recuados de 1855 era Prior de Fão o P.e Gonçalo Viana, natural de Ancora e figura de elevado prestígio.

A terra beneficiou do facto de muitos naturais emigrarem para o Brasil, que depois iam regressando conforme as suas possibilidades cresciam, sob o ponto de vista económico, o que deu lugar à construção de muitas casas com a marca daquele país. No entanto muitos homens nunca mais regressaram, razão porque Fão era terra de viúvas.

Como vestuário feminino é de realçar o Balandrau.

De 1880 a 1920 a Família dos Bordas dedicou-se à construção naval de grandes batelões e navios chegando a construir 4 num só ano.

Por volta de 1900 a terra tinha à volta de 3000 pessoas e alguns anos antes desta data foi construída a ponte metálica sobre o Rio Cávado, mercê do grande empenho do Barão de Esposende, que morreu triste porque nunca lhe foi prestada devida homenagem.

Entre 1905 e 1910 foi Fão assolada pela peste espanhola e nasceu então o hospital.

Em 1900 apareceu pela primeira vez nos jornais o divórcio de um casal de Fão.

A Vila tem e teve grandes tradições no fado e guitarradas, assim como intelectuais e poetas. Também famosa na sua gastronomia e doçaria, não esquecendo as célebres Clarinhas, que primitivamente foram feitas pela Viscondessa de Braga.

As festas do Bom Jesus já vêm de tempos recuados, como o atesta a folha da Procissão de Cinza realizada no dia 13 de Fevereiro de 1907 e que foi distribuída a todos os assistentes.

Os factos aqui narrados foram alguns daqueles que o dr. Joaquim Peixoto referiu e se os reproduzimos, é tão somente para fazer notar

quanto é interessante para as gentes de Fão reviver o passado.

O orador prendeu toda a assistência pela maneira cativante, esclarecedora e bem elaborada conferência que muito apreciamos e daqui lhe apresentamos sinceros parabéns. No final toda a assistência aplaudiu com muito entusiasmo a exposição feita, logo tendo ficado marcada nova Palestra.

Fernando Marquesde Almeida

Notícias da Cooperativa Cultural de Fão

No dia 12 de Novembro, pelas 21,30 horas o dr. Joaquim Peixoto dará continuidade à rúbrica «Serões Fangeiros» na Cooperativa Cultural de Fão.

A primeira, que se realizou no dia 22 de Outubro, foi um autêntico êxito.

Seguir-se-ão, em datas a afixar, outras intervenções deste ilustrado fangeiro.

• Dia 14 de Novembro vai realizar-se o já tradicional Magusto da C. C. F.

Estão convidados todos os associados, colaboradores, artistas e pessoas de todas as idades.

Não faltarão as belas castanhas, o caldo verde, uns docinhos e a boa pinga de Creixomil. Não falte. A festa começa às 15,30 horas.

MIRADOURO DA ALMA
FLORINDA BOTELHO DE ALMEIDA

VIRTUDES TEOLOGAIS

*Três Virtudes Teológicas:
- Fé, Esperança e Caridade;
Todas são especiais
Para Deus, nesta Trindade.*

*Três Virtudes Teológicas
Porém, das três, qual mais dura?
Todas são essenciais,
Mas é o Amor que perdura.*

*Três Virtudes Teológicas
E qual delas a maior?
Todas são intemporais,
A que não morre é o Amor!*



Clínica Médico-Cirúrgica

Hercília & Jorge Arelas

Prof.ª Doutora Hercília Guimarães
Pediatra - Neonatologista

Prof. Doutor Jorge Arelas
Gastroenterologista - Hepatologista

Dr.ª Cristina Arelas
Médica Dentista

Horário de funcionamento:
2.ª a 6.ª-feira das 14.00 às 20.30 horas

Bom Sucesso Trade Center • Praça do Bom Sucesso, 61, sala 904 • 4150-146 Porto • Tel. 226 053 625

NOTÍCIAS DE ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

PIDDAC: Caiu em desgraça nacional, com todo o «mundo?» Em desacordo!

Nem vale a pena indagar junto do presidente do Executivo Municipal de Esposende, porque em todo o país há descontentamento por alegadas injustiças na distribuição de verbas do PIDDAC (Programa de Investimento e Despesa para o Desenvolvimento da Administração Central). A desgraça, pelo que se ouviu e lê, chegou a todos os Municípios, porque os valores atribuídos nem chegam para as ferramentas.

Esposende foi contemplado com 3,1 milhões de euros, para acorrer aos projectos que deslizam todos os anos, na esperança de que no seguinte seja o da oportunidade. Então, aí vai, quais, em especial a seguir esta rotina: a Frente Ribeirinha do Cávado, com a restinga a desaparecer a olhos vistos e a dificultar, ainda mais, a navegação na foz do rio e a regularização do seu caudal; reconstrução da ponte de Fão, a travessia de ligação entre norte e sul do concelho, apesar das promessas anunciadas de «antes do final do ano será a obra adjudicada»; a orla costeira, integrada no Plano Finisterra, para regularização do Território de Esposende, entre Apúlia a sul e Foz do Neiva, a Norte, com o desgaste provocado pela erosão dos temporais vindos do sudoeste; a requalificação ambiental, a marina de recreio e de pesca; e a lota, senhores, quando entra ao serviço, depois de excelente serviço prestado como hospital da fauna marítima, em consequência dos derrames de combustíveis do Prestige, na costa da Galiza? E os estaleiros, a tão decantada tradição, a indústria da antiguidade, completamente abandonada e de triste sina, como foi a canoagem e o Clube Náutico?

Mas, como a Cultura de Esposende, segundo a douta opinião do sr. Inspector de Turismo, não dá votos, vamos deixar cair a Biblioteca, em derrocada, com todo o apoio dado aos jovens, para melhoria da sua aprendizagem? O que valem os 500 euros do PIDDAC?

Pois bem! Será que o PIDDAC, por causa dessa memorável afirmação, desconhece Esposende? Será, por isso, que nos retirou o «maná» e as suas benesses?

Associação Comercial em eleições de tira teimas»

Os nossos leitores devem recordar-se, ainda, da polémica classificação de área de interesse concelhio, aprovado em Assembleia Municipal, para implantação de mais um hipermercado. E, depois, as eleições pela irregularidade na operação, referida no art.º 55.º, por falta de prazo aí estabelecido como intervalo para apresentação de listas candidatas aos órgãos sociais da Associação Comercial e Industrial de Esposende (ACICE).

Pois, será a 6 de Dezembro próximo, a repetição desse acto eleitoral, nesta Associação, já anunciado e algumas razões fundamentais para despertar interesse pelo acto, considerando, na opinião de alguns associados, de entre cerca de 700 apenas 1/3 terá as respectivas quotas em dia.

Pelo que nos foi possível averiguar, muito haverá a mudar nesta entidade e orientar a sua actividade mais de acordo com os interesses dos seus associados. Para o efeito, sabemos, haverá duas listas candidatas aos órgãos da ACICE: Uma, liderada por José Albino Faria, ainda em funções directivas, envolvido na impugnação das eleições anteriores, conforme notícia publicada em «O Novo Fangeiro», em Maio de 2004; outra, em oposição, liderada por Paulo Sérgio Campos, industrial.

Esperemos dos associados, maior acompanhamento neste acto de relevância, para melhor orientação e apoio aos seus interesses, desejosos de quem os poderá defender.

Direito e Comunicação Social no Clube Rotário de Esposende

Na reunião de 22 de Outubro, no Hotel Nélia, o Clube Rotário de Esposende efectuou mais uma palestra pedagógica integrada no vasto plano de actividades, já em curso, para o mandato do Advogado Horácio Lages, acto a que presidiu.

O presidente, depois da abertura, com a saudação

às bandeiras, fez a apresentação do palestrante, o Juiz Helder Fráguas, tendo esclarecido da alteração ao tema, ou seja, apenas Justiça, devido à conjuntura nacional. E remeteu-nos para o recorte do Correio da Manhã, então distribuído, datado de 22 de Março de 2004, sobre entrevista concedida, em que aborda alguns dos problemas actuais relacionados com a Justiça.

Foram algumas e complexas as afirmações referidas, entre as quais: nos Tribunais, «A Justiça é sempre a imagem de uma senhora que vê passar arguidos, testemunhas e magistrados, mas que está calada», isto é, «se falasse, teria muitas histórias para contar». Valeu-se, por isso do «Conde da Quinta», um AUGI (aldeamento urbano de grandes ilegalidades).

A intervenção sobre o tema foi curta, mas relata alguns factos caricatos, em que os autores das ilicitudes, (se apanhados) recuperam e conseguem novos episódios e, obviamente, outras vítimas.

Reportando-nos ao recorte distribuído, cujas afirmações não se alteraram, Helder Fráguas refere-se a situações inimagináveis de que resultaram, no crime, o desabafo de um colega quando se diz: «o Tribunal é o sítio onde se mente mais...» E, a primeira delas, será quando as pessoas declaram: «Juro responder a verdade». Contudo, afirma mais à frente: «No decorrer do julgamento chegámos muitas vezes à verdade». Focou, pois, no caso da cortiça roubada o exemplo dessa descoberta da verdade, com valor comercial elevado, apesar da encenação da família dos suspeitos para esconder o crime: a camioneta utilizada, foi das mais pequenas.

O panorama actual, diria ainda, é de preocupar; mas está, ainda, por se descobrir as causas desta situação, pelo que veio a dizer-nos: «os juízes são fálveis».

No período reservado a esclarecimentos, o companheiro Moisés, o advogado José Azevedo e o magistrado Professor Coutinho de Almeida, depois de algumas considerações, referiu-se aos excessos e a exageros de comentários, além do anedotário que não resolve, entre outros problemas, o isolamento a que estão votados os Juízes e contou: em julgamento de caso de infidelidade conjugal, o juiz perguntou à testemunha: viu o réu a copular? E a resposta: Vi a pular o cu dele, mas o outro estava por baixo e não vi...» Esta, a imagem da ignorância, de muita da nossa gente. Disse ainda, do segredo de justiça e a pergunta pairou no ar, sem resposta. Mas, de facto, pareceu-nos: a culpa será do imediatismo reinante, sobretudo de alguma comunicação social, de claques organizadas e do «contraditório», entre outros factos que ocorrem todos os dias, a desorientar a opinião pública.

Helder Fráguas é Juiz do Tribunal do Seixal,

exerceu funções de advogado, notário, docente Universitário e membro do Conselho de Gestão do Centro de Estudos Judiciários. É membro do Rotary Club do Barreiro e é colaborador activo na imprensa diária e regional, «Voz do Barreiro», entre outros.

Padre José Vilar Arcipreste de Barcelos

Acompanhado por Mons. Baptista de Sousa tivemos a oportunidade de encontrar o Padre José Vilar, antigo Prior de Fão, «transferido» para Gilmonde a fim de paroquiar a freguesia.

O encontro deu para recordar ainda que de fugida, as amizades e reviver o passado. Todavia, com a lhanesa que é peculiar em tão ilustre sacerdote, disse-nos: «Olhe que aprendi muito, em Esposende...» De facto, o caso Vila Chã, largamente debatido na rádio, é bem o testemunho desta afirmação. Talvez por isso e pelo apoio merecido, agradeceu a notícia a seu respeito publicada em «O Novo Fangeiro». As suas qualidades, porém, deram para o nomear Arcipreste de Barcelos, a Terra do Condal. Nem por isso, lhe ouvimos queixumes o que demonstra bem aceitar as funções e o sacrifício a que será submetido, pese embora as características de boa paz das gentes de Barcelos, onde tivemos as nossas origens.

Desejamos ao sr. Prior um bom mandato arceprestal e que Barcelos seja, de facto, o Paraíso que sempre lhe auguramos.

Nomeado, também, o Padre Abílio Cardoso para D. Prior de Barcelos, funções ancestrais pela condição de terra de Condal e que decorre com serenidade e muito respeito, para agrado dos fiéis de Barcelos, sobretudo da Paróquia da cidade.

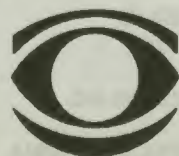
Ao novo D. Prior de Barcelos, «O Novo Fangeiro» deseja um múnus paroquial cheio de graças do Senhor e, bem assim, ao novo Arcipreste.

2.º Rali do Desportivo da Póvoa

Esposende recebeu e acompanhou, entre 5 e 6 de Novembro, o 2.º Rali do Desportivo da Póvoa, de que o dr. Armando Saraiva foi presidente da direcção. Prova a contar para o campeonato regional de Ralis do Norte da modalidade, com a participação de pilotos já consagrados, neste tipo de provas automobilísticas.

A verificação de motores e as inspecções fizeram-se nos termos regulamentares e a partida deu-se junto à Marina de Turismo para um percurso que atravessa por algumas das nossas freguesias: Antas, Gemeses, Vila Chã, Forjães, Perelhal, Aldreu, Palme e Fragoso. A prova especial de perfcia ficou para o local de partida, junto à Marina.

A Câmara Municipal de Esposende colaborou na realização e organização desta prova que valoriza, sem dúvida, o turismo na região ribeirinha do Cávado.



Optica

Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

Gabinete de Optometria e Contactologia

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. 253 205 170 • Fax 253 205 179 – 4700-319 BRAGA

E-mail: aleixo.ferreira@oninet.pt

Galeria de Vultos Diferentes

(Continuado da pá. 1)

Artur Lopes da Costa: foi um «mal amado» que não recolheu nem a total simpatia da gente de Fão, por ter nascido em Esposende (factor bastante para ser olhado de revés) nem tão pouco foi bafejado por uma lufada de simpatia quente por parte dos moradores do seu bairro, pela simples circunstância de ter ido trabalhar para Fão, não só na Estação dos C.T.T. – era o seu ganha-pão – mas ainda em vários organismos, em regime de voluntariado, de que se houve com louvável apreço e notável eficiência. O cargo que normalmente lhe tocava era o de secretário: no futebol, nos bombeiros, no Clube Fãozense e ainda deu uma mãozinha no jornal O Fangeiro onde fez de tudo. Como se sabe, o lugar de secretário é normalmente o mais chato, ou seja, o mais trabalhoso, o mais difícil e o mais exigente. E, claro, esta capacidade do Artur Costa dava nas vistas o que fazia com que alguns seus conterrâneos resmungassem calados: por que é que este tipo não trabalha assim na sua terra? Daí a tal malquerença silenciosa que gera correntes de antipatia.

O nosso revisitado de hoje frequentou em Coimbra, durante três anos, um curso especializado nos C.T.T. desta cidade. Isto permitiu-lhe progresso na carreira e a sua colocação, logo após o seu regresso da cidade mondegueña, ao distrital de Viana do Castelo.

Não vamos agora importuná-lo de adjectivos que se lhes dependuraram ao longo a sua carreira. Foi um funcionário cumpridor e capaz. Mas não foi por isso que o trouxemos aqui a esta vitrina.

O seu entusiasmo é estimulante. Encoraja. Ajuda a ultrapassar barreiras. É exemplar.

Ainda agora a propósito da crise que o jornal atravessou (ou atravessa?) foi dos primeiros a opôr-se à sua extinção. «Estarei disponível dentro das minhas possibilidades e do saber que julgo possuir».

Acerca do poema Fão, de Eugénio de Andrade in «Escrita da Terra»

AGOSTO

Ciclicamente, Agosto é o mês
Das neblinas matinais,
Das marés vivas
E do vento norte
Soprando forte e frio.
Frio como o branco
Que o Poeta escolheu
Para pintar o verão.
«O branco despido
E deserto dessas ruas,
Cheirando ao vento do rio.»

José Cândido Gomes da Fonte
de «Entre o rio e o mar»

CANTINHO DA MULHER

Por MITÓ

Não quero fazer como no mês passado que por me encontrar já um pouco adoentada não colaborei neste jornal. Afinal a coisa foi um pouco mais grave, mas felizmente já me sinto melhor e com vontade de continuar. Como o frio já vai apertando, aqui vão dois pratos de inverno. **Sopa seca de bacalhau.** Sopa almoço bem reconfortante nesta época. Receita para 4 pessoas: 3 postas de bacalhau demolhado, 1 dl e meio de azeite, 6 dentes de alho, 500g de pão caseiro, 2 ovos, salsa picada e um raminho de hortelã. Coza o bacalhau em 1,5l de água. Depois de cozido, escoar, guarde a água, que deve ser passada para não levar impurezas. Escolha o bacalhau de pele e espinhas e desfie-o. Num tacho leve ao lume o azeite, os alhos bem esborrachados e quando estiverem alourados junte a água do bacalhau, deixe levantar fervura e tempere a sal. Junte depois os ovos batidos, a salsa picada e o raminho de hortelã com as folhinhas esfareladas. Num recipiente de barro espalhe uma camada de pão em fatias, regue com um pouco de caldo e espalhe por cima do bacalhau desfiado; depois espalhe outra camada de pão, regue e ponha o resto do bacalhau. Coloque por fim o resto do pão e deite o resto do caldo por cima para espalhar bem. Calque por cima para embeber bem. Perto da hora de servir leve ao forno já quente para alourar um pouco.

• **Borrego com frutos:** 2 col. de sopa de azeite, 900g de carne de borrego em lombinhos, 6 fatias finas de bacon, sem couro, 350g de cebolinhas, 1 folha de louro, 1 colher de polpa de tomate, 1 dente de alho, descascado e esmagado, sal e pimenta, 1 dl e meio de vinho tinto, 3 dl. de caldo de carne, 200g. de alperces secos, sal e pimenta moída na altura. Aqueça o azeite num recipiente que possa levar ao forno. Junte os cubos de carne e deixe

ganhar cor. Retire-os e mantenha num prato aquecido. Junte o bacon picado e deixe-os fritar. Retire o bacon e junte agora o dente de alho e as cebolinhas. Deixe fritar tudo por sete minutos. Volte a colocar a carne num recipiente que possa ir ao forno (de barro) junte a folha de louro, os temperos de sal e pimenta e a polpa de tomate. Mexa bem. Junte o vinho tinto e o caldo de carne. Leve ao forno por 1 hora, junte os alperces secos e deixe cozinhar por mais 20 minutos até que a carne esteja bem macia. Sirva as batatas e legumes cozidos.

Confrèrie de la Chaîne des Rôtisseurs

Realizou-se no fim-de-semana de 15 a 17 de Outubro o primeiro Encontro Porto / Minho, levado a cabo pela *Confrèrie de la Chaîne des Rôtisseurs*, que contou com a presença de trinta participantes, tendo alguns deles, ido propositadamente do Alentejo e Algarve.

Estiveram, no Norte para os receber, para além do *Bailli Délégué / Presidente*, Aníbal Soares, mais dois membros da Direcção e muitos simpatizantes, nomeadamente do sul, já que se encontra em fase de lançamento o novo *Baillage do Algarve*, com data marcada para início no primeiro semestre de 2005.

A representação dos Confrades nortenhos foi de 100% vindo-se o casal George Sandeman, Hélio Loureiro – *Chefe da Seleção Nacional de Futebol* e ainda Ernesto Azevedo – *Restaurante Portucale*, a catedral gastronómica do Porto.

Contou-se ainda com as presenças do Presidente da Região do Turismo Verde Minho – Dr. Henrique Moura, e Dr. Reis Torgal, responsável máximo da *Confraria «Panela ao Lume»*, uma das primeiras Confrarias Gastronómicas Portuguesas.

Esta visita ao Norte teve como objectivo dar uma maior divulgação da Confraria, a nível nacional, bem como rever os Confrades mais distantes, permitindo, ainda, a adesão de novos Membros, que ficaram seduzidos pelo nível alcançado nas refeições que lhes foram proporcionadas.

Salienta-se deste convívio, a originidade da cozinha do Miguel Castro Silva – *Restaurante Bull & Bear* do Porto, a tradição gastronómica do *Arcoense* – Braga, a surpreendente *Festa da Cerveja* dos Confrades Francisco e Cláudia Martins e, por último, a raríssima oportunidade de se ter degustado quinze das muitas especialidades do mar do «*Pedrinhas*» – Apúlia, além de um robalo acabado de pescar, mesmo em frente.

O próximo evento gastronómico da *Chaîne* é já no mês de Dezembro, em Lisboa, no decorrer de uma Grande Gala, inserida num *Chapitre Internacional*, para Promoções e Entronizações de novos Membros.

Lembre-se que a «*Associação Gastronómica Cadeia de Grelhadores*» – Delegação Portuguesa da *Confrèrie de la Chaîne des Rôtisseurs*, foi a primeira Associação deste tipo a ser criada em Portugal, corria o ano de 1978, estando a própria *Chaîne*, que teve origem no ano de 1248, em França, a celebrar este ano, o seu décimo aniversário do ressurgimento em Portugal.

Dr.ª Cristina Areias

Médica Dentista pela Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto, exerce actividade na:

– CLÍNICA MÉDICO-CIRÚRGICA HERCÍLIA & JORGE AREIAS

Bom Sucesso Trade Center
Praça do Bom Sucesso, n.º 61, sala 904
4150-146 Porto – Telef. 226 053 625

– SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Telefone 253 989 930
Em Fão: às 6.ª-feiras e sábados de manhã

– POLICLÍNICA SÃO BRÁS

Rua D. António Meireles, 723
4435-668 Baguim do Monte
Telefones: 224 801 840 - 224 809 002

– CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA DE BRAGA

Rua 25 de Abril, 168 R/C - 4710 Braga
Telefones: 253 617 851 - Telm. 91 224 83 82

– CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA LÚCIA MARQUES DIAS e AMÉRICO FERRAZ

Rua Conde Ferreira, 11 - Ed. S. Miguel
3770-211 Oliveira do Bairro
Telefone: 234 747 368

Falecimento

Com a idade de 70 anos, faleceu em Fão o nosso conterrâneo Domingos Cangosta Ferreira.

Foi a exumar no cemitério de Fão. À família enlutada os nossos pêsames.

VULTOS DE ESPOSENDE - 27

por ARTUR L. COSTA

COMENDADOR FILIPE JOSÉ BANDEIRA

(Cinzelador de metais nobres)

O Museu Municipal de Esposende, através de exposição bibliográfica pretendeu homenagear o comendador Filipe José Bandeira, o filantropo e o artista de cinzel, com raízes sentimentais profundas no Porto e ligado a Esposende pelo nascimento. Era um artesão em metais nobres.

Figura bem conhecida pela arte de cinzelador e de trabalhos de ourivesaria, dedicou-se a obras de apoio e de benemerência, com maior incidência nas Associações de Bombeiros Voluntários, em especial, Esposende e Barcelinhos (Barcelos).

• A paixão pelos Bombeiros

O Comendador Filipe Bandeira fazia parte do Grupo de Honra Portuense que, «desde a fundação dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos se devotaram de corpo e alma pela nossa Corporação, acompanhando o seu progresso e os seus problemas». Com os seus dotes oratórios, anualmente, marcava honrosa presença na festa de aniversário, lê-se no opúsculo publicado aquando das comemorações do seu cinquentenário.

Desde longa data e até ao seu falecimento, Filipe Bandeira teve especial dedicação pelos Bombeiros Voluntários de Esposende, tendo-lhes oferecido a taça de Honra (desaparecida do património); e ofereceu, também, duas medalhas artísticas para galardoar Manuel Rodrigues Vilarinho e Ricardo Espírito Santo, na festa de 19 de Março de 1931 e, ainda, o Estandarte da Corporação, em 19 de Março de 1945.

• Peça artística doada ao Hospital

Porém, a sua actividade aparece descrita na edição de «O Esposendense», curiosamente, da autoria de Manuel Boaventura, e que vamos aqui transcrever, porque faz parte integrante da biografia deste ilustre esposendense.

É na edição de 4 de Setembro de 1924, em primeira página, apenas com o título Filipe José Bandeira que se regista as sua actividade artística.

Nasceu em Esposende e aqui viveu longamente; é hábil cinzelador, dos mais completos e distinto nesta arte que «vive no seu atelier como um beneditino na sua cela». Depois de apreciadas as linhas da Taça de



Comendador Filipe Bandeira

Honra, executada por este artista esposendense, «Filipe Bandeira ofereceu-a aos Bombeiros Voluntários de Esposende, para disputa em seu benefício».

Neste Verão, mantendo o seu interesse pela terra onde nasceu, no decorrer das festas da Senhora da Saúde, trouxe consigo espectacular obra d'arte: «É um Crucifixo de ébano guarnecido a cobre que se firma num supedâneo de mármore. Na bossagem há um lindo medalhão representando a Virgem da Soledade ou a Mater Dolorosa – num rictus

fisionómico que espanta pela verdade que exprime.

O Cristo é, também, uma admirável peça de perfeição, com expressão dolorida e resignada, os músculos flácidos, as ossaturas que parecem romper a epiderme são também flagrante verdade. Bem executadas nas formas anatómicas, as ornamentações dos braços da cruz, são em gótico manuelino – sempre belo sempre grande estilo, ainda quando representa as linhas mais singelas.

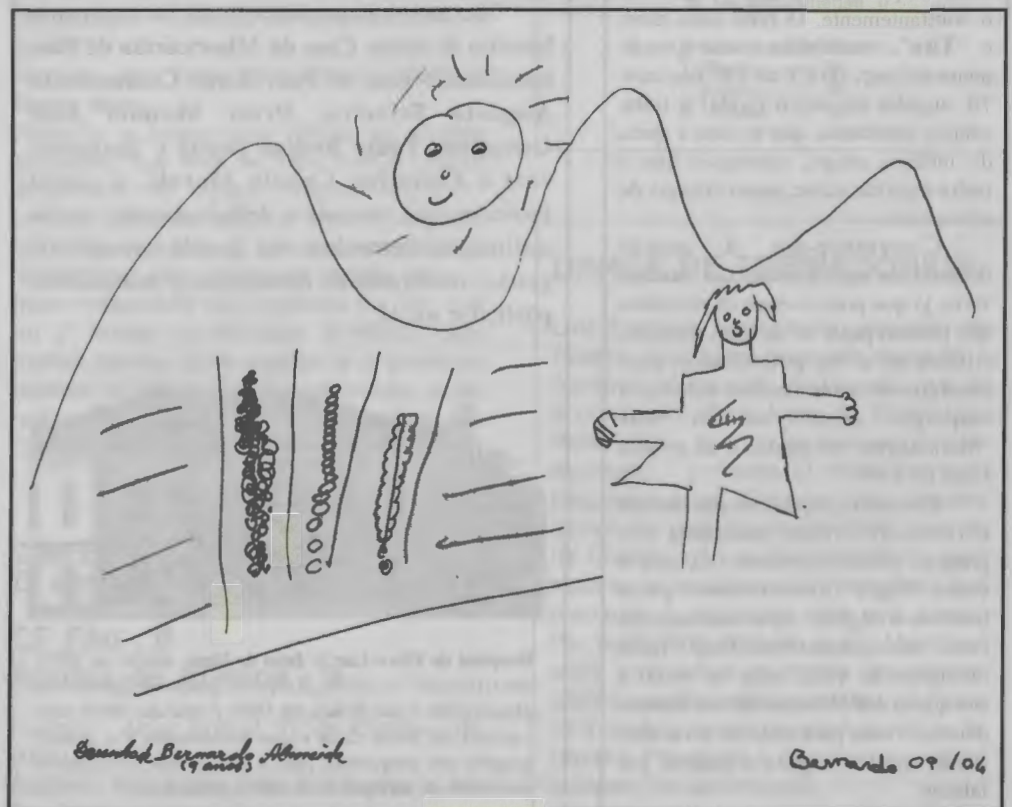
Creia sr. Filipe Bandeira, a quem conheci pela primeira vez há poucos dias, que lhe falo com o coração nas mãos e com uma rudeza própria dum camponês, que nas horas vagas, da rabiça do arado e do cabo da enxada, tem pela arte uma devoção que não tem limites.

Esta peça artística foi doada ao Hospital de Esposende, em seu benefício e para melhorar, deste modo, a administração da nossa casa de caridade dessa época, valendo-lhe o título de benemérito e filantropo, mais o galardão de Comendador de Mérito Industrial.

• Exposição cancelada

A exposição, a que nos referimos, seria montada na Sala dos Azulejos, com documentos e objectos do artista cinzelador para encerrar em 30 de Agosto. Foi cancelada, porque a família terá dificultado a cedência de alguns objectos, de referência do artista. Seria a consagração de um esposendense de reputado valor social e artístico.

O seu nome não consta na nomenclatura da toponímia de Esposende.



Na Riqueza dos Noventa

O senhor **António “Miguel” Domingues da Venda** (1911), vive discretamente na rua da Camareira, nas **Pedreiras**, com uma de suas filhas, já sem o grande dinamismo do passado, que a idade e a saúde limitou.

Viveu boa e sadia vizinhança com o **Dr. Artur Barrote**, médico que viveu largos anos em Fão, na **rua de Serpa Pinto**, com seus filhos e a esposa **D. Elvira**, que faleceu tragicamente num acidente de viação.



Deste popular médico conta como era popular e abnegado, grande amigo que lhe salvou 2 filhos de morte quase certa. O Manuel, que caíra de uma “Berliet” quando se apeava perto de casa e caíra batendo com a cabeça e ficando em estado de coma durante muito tempo. O médico e sua esposa trataram-lhe o filho com as limitações da época, com a ajuda de D. Elvira, fazendo aplicações de gelo e vigiando-o constantemente. O filho mais novo o “Tito”, conhecido como grande ponta-de-lança do CF de Fão nos anos 70, engoliu um seixo (godo) e tinha ataques constantes, que só com a ajuda do médico amigo, conseguiu que a pedra ingerida saísse, numa cirurgia de emergência.

Comprovou-nos a grande dificuldade que a numerosa família vivia, já que poucos eram os pacientes que podiam pagar os serviços médicos. Ajudou-os a sua polivalência, pois aventurou-se como dentista e arranjou emprego como médico nos “Marinheiros” em Apúlia e na própria Casa do Povo.

Conta da graça, com que atendia e receitava alguns pacientes nas próprias escadas exteriores da casa e como “fugia” discretamente pelas traseiras a alguns hipocóndricos de então. Acompanhou-o nos bons e maus momentos da vida, desde as visitas à sua quinta em Monção, até aos últimos dias em Viana, para onde foi viver com a sua segunda esposa e acabou por falecer.

Apesar de muito humilde, o António da Venda, dedicou grande parte da sua vida, a trabalhar nas principais instituições da terra ao lado de grandes homens e grandes líderes que Fão conheceu e reconheceu.

Na Junta de Freguesia, esteve durante 18 anos, onde foi Tesoureiro, ao lado do **Professor José Pio Rodrigues**, o Presidente de então.



Escola Amorim Campos, agora transformada em Escola Profissional, onde o Professor Pio Rodrigues leccionou e o conhecemos, numa altura em que também foi Presidente da Junta de Freguesia de Fão, durante muitos anos.

Esteve igualmente envolvido directamente na organização das **Festas do Senhor Bom Jesus de Fão**, tendo pertencido a inúmeras Comissões de Festas, numa altura em que não havia subsídios.

Fez parte de algumas direcções do **Clube de Futebol de Fão** e lembra-se claramente da compra do terreno para o Campo de futebol, que custou 36 contos e a dificuldade para conseguir “inventar” os fundos para o negócio.

Não menos importantes foram os anos como Mesário da **Santa Casa da Misericórdia de Fão**, trabalhando com os Provedores **Comandante Augusto Teixeira**, **Prior Manuel José Gonçalves**, **Padre Avelino Borda** e finalmente com o **Celestino Cubelo Morais**, o actual Provedor, que catapultou definitivamente aquela instituição, tornando-a um grande exemplo de gestão, modernidade, dinamismo e atendimento público e social.



Hospital de Fão e Lar S. João de Deus, aberto em 1910, substituindo o velho Hospital junto à Igreja da Misericórdia e que fechou em 1906, é uma das obras mais valiosas da Santa Casa e que actualmente é o grande orgulho dos fangueiros, face à sua grande variedade e qualidade de serviços de Saúde e Sociais.

O poeta Pedro Homem de Mello, admirador de Esposende

A revista **ÍBIS**, uma publicação anual da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho, na 5.ª edição referente as 2004, aborda temas e autores de Esposende, conjuntamente, o poeta Pedro Homem de Mello, um dos maiores dos seus admiradores, pelo Rancho Folclórico, Grupo dos Sargaceiros da Casa do Povo de Apúlia e da Ronda Típica de Vila Chã, deste concelho.

A Revista **ÍBIS** publicada com regularidade, propriedade da citada Associação vianense, fundada em 1980, tem dado oportunidade aos seus associados de integrarem trabalhos de alguns deles, fruto de aturadas buscas e de investigação, além do trabalho e dos cuidados dos seus responsáveis, pelas notas históricas publicadas. Será o caso desta 5.ª edição.

Cabe pois, referir, das habituais crónicas ou de dissertação de temas ligados às especialidades dos seus autores, em que são publicados trabalhos sobre Esposende.

Esposende no séc. XVI, estudo sobre origens dos seus fundadores, súpula de Artur L. Costa sobre a conferência proferida pelo Eng.º João Maria de Oliveira Martins; Clubes Rotary estão espalhados em todo o mundo, que refere e conta milimetricamente, como nasceram os Clubes Rotary, por Nereides Martins; o Arquivo de Viana do Castelo, publicação altominhota de estudos locais, pelo Dr. Rui Faria Viana; Arquivo Municipal de Viana do Castelo: o distinto contributo de Júlio de Lemos, figura do séc. XIX que visitou Esposende e escreveu sobre o seu valor turístico, pelo Dr. Maranhão Peixoto.

Um trabalho de muito interesse, que recorda o Poeta Pedro Homem de Mello, da autoria do Professor Cândido d'Oliveira Martins, da Faculdade de Literatura e Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, em Braga, em que foi no auge das pesquisas do Poeta sobre o folclore nortenho, se inclui Esposende tendo contribuído, assim, pela valorização dos melhores agrupamentos desta região: Ronda de Vila Chã e Manuel Boaventura, assim como Apúlia, com o Grupo dos Sargaceiros da Casa do Povo, em que o poeta nunca se esqueceu de afirmar: «Em Apúlia, tudo é verdadeiro, até os Sargaceiros.»

Artur L. Costa

Concerto no dia Mundial da Música

Na sexta-feira realizou-se no Museu Municipal de Esposende um Recital de Canto com obras de F. Schubert, J. Rodrigo, C. Carneiro, F. Lacerda, G. Fauré, H. Berlioz e Rossini.

A organização esteve a cargo da Zendensino - Escola de Música de Esposende.

DESPORTO

Por José Belo

CAMPEONATO REGIONAL
4ª. Jornada

AD Turiz , 3 – CF de Fão , 0

(Campo de Jogos de Turiz, 10 de Out. de 2004)

Árbitro: Lino Barbosa ass: José Ribeiro e Luciano Maia.

Amarelos: Marco, Arteiro, Ricardinho, Torrão e Zenga.

CF Fão: Costa (3); Fábio (1), Mário (3), Luís (2), e Oliveira (1); Arteiro (3), Lano (3) (Joel (2) 60') e Ricardinho (4); Bruno (2) (Joca (2) 45', Marco (4) e Festinhas (3) (Torrão (1) 68').

Golos: Mota (31'), Caniggia (45') e Pedrinho (66')

Excelentes primeiros 30 minutos, em que o Fão dominou como quis o seu adversário, só não materializado em golos, por infelicidade e principalmente pelo árbitro da partida. Este sr. Lino Barbosa perdoou 3 penalidades aos da casa, invalidou um lance de golo a Ricardinho e validou um golo que ninguém viu a bola entrar, apesar de já não haver marcações visíveis, estar colocado a mais de 35 metros da baliza e o próprio assistente no enfiamento não o ter assinalado. 2 falhas da defesa "deram" 2 golos aos da casa, que de qualquer forma «tinham» de vencer.

CAMPEONATO REGIONAL
5ª. Jornada

CF de Fão , 7 GD Louro , 2

(Campo Artur Sobral, em Fão 17 de Out. de 2004)

Árbitro: Herculano Antunes, ass: B. Gonçalves, C.Fernandes

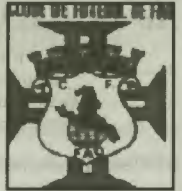
Amarelos: Lano (4'), Joca (41') e Luís (59')

CF Fão: Costa (3); Fábio (4), Mário (3) (Cáca 60'(2), Luís (4) e Oliveira (5); Lano (1) (Joca (5) 24'), Arteiro (5) e Joel (5)©; Bruno



CÁCA, capitaneou a equipa na 1.ª vitória da época no Artur Sobral

PERDIDA A INVENCIBILIDADE EM CASA EM DERROTA (0-3) INESPERADA, MAS MANTENDO UM BOM 5.º LUGAR



(5), Marco (5) e Ricardinho (5) (Festinhas (2) 71').

Treinador: Dulcínio Carvalho

Golos: António (26'), Bruno (41'-pb), Litos (63') e Óscar (91')

Goleada conseguida à custa de uma autêntica avalanche atacante da equipa fangeira, que reagiu muito bem a um golo madrugador, "oferecido" ao adversário, por mão instintiva de Lano na área. Reviravolta ainda antes do intervalo e uma reentrada de rompante, com mais 2 golos em 9 minutos. Insaciáveis os jogadores continuaram à procura de golos, chegando a uma goleada incomum e outros tantos golos desperdiçados, ou evitados por algumas boas intervenções do guardião famalicense. Uma tarde de gala e festa para os adeptos.

CAMPEONATO REGIONAL
6ª. JornadaCD Maximinense , 1
CF de Fão , 2

(Parque Fernando C. Gomes, em Maximinos, 23 de Out. de 2004)

Árbitro: Sérgio Fernandes ass: Luís Silva e Pedro Pinheiro.

Amarelos: Oliveira (17'), Mário Graça (41'), Fábio (42') Pedro Simões (93'), Lano (95') e Costa (96').

CF Fão: Costa (4); Fábio (5), Cáca (4), Luís (4), e Oliveira (2) (P. Simões(5) 40'); Arteiro (5), Mário Graça (2) (Lano (3) 69') e Joel (4); Joca(4) (Festinhas (3) 62'), Marco (4) e Bruno(5).

Golos: Joca (aos 23m), Pedro (60m) e Bruno (67m).

Primeira e importante vitória da equipa fangeira, que teve de lutar com o maior dinamismo da equipa bracarense no 1º tempo, falhando alguns lances de golo iminente, incluindo 2 grandes penalidades "inventadas" pelo árbitro da partida. Valeu a maior maturidade dos jogadores do Fão, que no 2º tempo justificaram a vitória, com muitos lances para marcar e a puderam dedicar ao colega Torrão, que perdeu o pai nesta semana num naufrágio de traineira das Caxinas em Aveiro.

CAMPEONATO REGIONAL
7ª. JornadaCF Fão , 0
Águias de Alvelos , 3

(Campo Artur Sobral 31 de Outubro de 2004)

Árbitro: Hugo Sá, ass: A. Antunes e M. Gonçalves

Amarelos: Cáca, Arteiro, Joel, Joca, P. Simões e Marco.

CF Fão: Costa (2); Fábio (3), Cáca(2), Luís(2) (Vialli (3) 60') e Oliveira (2) (Pedro Simões (2) 45'); Arteiro (3), Mário Graça (2) (Ricardinho (3) 45') e Joel ; Joca (2), Marco (2) e Bruno (3).

Treinador: Dulcínio Carvalho

Golos: 0-1 Moleiro(15'), 0-2 Nico (41') e 0-3 Bruno (45').

Inesperada derrota, num jogo pouco conseguido da turma fangeira, que teve o seu melhor período na 1ª parte, em que usufruiu de várias ocasiões soberanas para marcar, mas foi o Águias que marcou e logo por 3 vezes, materializando as poucas vezes que se acercou da baliza de Costa. No 2º tempo só o Fão atacou, mas em menor quantidade e qualidade e os barcelenses a gerirem bem tempo e resultado.

Classificação:

1. FC Amares	21
2. Pico Regalados	18
3. Águias da Graça	13
4. Os Alegrienses	12
5. CF de Fão	12
6. AD Turiz	11
7. AC Martim	10
8. Forjães SC	10
9. AD Ninense	10
10. Ruivanense AC	9
11. FC Marinhas	9
12. GD Cristelo	7
13. Águias Alvelos	6
14. ACD Tlbães	5
15. GD Louro	4
16. CD Maximinense	0

Prémio Regularidade

1. Marco.....	26
2. Arteiro.....	25
3. Costa.....	23

DANÇA DE TREINADORES:

Luís Campos, conceituado treinador de Futebol deixou na passada semana o comando técnico do Gil Vicente, que se encontra no último lugar da Super Liga Profissional, quando apenas se haviam disputado 7 jornadas. O jovem treinador fangeiro, que já havia salvo aquela equipa de uma quase inevitável descida de Divisão, não teve oportunidade para mostrar os resultados da "máquina", que preparara e construíra para esta época. Por outro lado também o FC Marinhas, após uma série de maus resultados, decidiu em boa altura contratar Jó Faria, para ainda a quase impossível subida de Divisão. Prevemos e desejámos o maior sucesso na sua missão.

Ao DOURO, Rei e Senhor meu!

Rio Douro, meu rei,
lá no teu altar do teu regaço
ao Deus dos céus agradei, orei...
A alma sorriu. Então feliz... Chorei!

Beije suavemente aquele fio d'água cristalina.
E junto daquela fonte ajoelhei!
Apenas a solidão era a minha companhia.
Uma dádiva do céu. Agradei a Deus. Rezei!...

Com emoção,
vi e senti brotar
do seio da terra, lá no pico do Urbiom, bravo,
aquele fio d'água cristalina saltitar.
Eras Tu, meu Douro. Meu amor. O meu rio!

Que sortilégio aquele. Que vibrante alegria,
Que deliciosa e admirável emoção.
Como foi maravilhoso aquele dia!
Uma Ode a vida. Deixei então falar o coração!

Vivi as horas, no tempo. Como nunca acontecera.
Humilde, mas solene, falei. Gritei...
Adorei aquele encontro. Fui feliz.
Fiz preces à PAZ. E a vida festejei!

Nunca me senti tão renascido,
e tão próximo de Deus, o meu Senhor.
Ali naquela adorável solidão, entre a natureza,
fui mais homem, mais eu. Fui poeta. E trovador...

Como é bom e fraterno, o calor do sol
de todas as manhãs. Lá pelos altos...
Feliz me senti naquele todo d'arrebol,
livre, bem livre de receios, medos, sobressaltos...

Desci, depois, passo a passo até ao Porto.
No Cabedelo, em S. João da Foz,
naquela imensidão atlântica de mar,
foi outro encontro d'amor. Feliz. E muito a sós...

Águas que se envolvem e enlaçam,
Verdes d'azuis que se misturam e se dão
Há por ali longes que se chamam infinito
naquela "todo" de mágica visão!

João de Freitas

Notas para conferência na Cooperativa Cultural de Fão

(Continuado do número anterior)

Vivia, especialmente, de legados. Mas quem legava alguma coisa exigia, geralmente, contrapartidas espirituais. No início do século passado, o valor das pensões já não cobria os encargos religiosos da Santa Casa. A Misericórdia recebia anualmente 250 rasas de milho grosso, 34 de trigo, 30 de milho e duas de centeio. Mas tinha que mandar celebrar 455 missas rezadas, mais duas cantadas, além de ofício de 10 padres pelos irmãos falecidos, esmola mensal aos necessitados, 17 vestimentas a pobres. Além de socorrer necessitado em pontual aflição. Até que o arcebispo D. Manuel Vieira de Matos considerou remidos todos os legados anteriores a 1923. Esse prelado chegou a passar férias nas Pedreiras, em casa de uma tia, Ana Cruz Ferreira, que contribuiu para o hospital-asilo com 159 mil reis.

Admite-se que o início da construção da igreja da Misericórdia remonte a 1600, aproximadamente. De início, o templo era baixo e pequeno. Ao longo do tempo, foi ampliado e modificado, incluindo-se na ampliação o resto da fachada. A construção da capela-mor começou por volta de 1630. O Santíssimo foi colocado na igreja mais de um século depois, "para acudir aos pobres internados no hospital". Mas ainda não se tratava, propriamente, de um hospital, como à frente se verá.

As Misericórdias representaram um esforço de racionalização da assistência e da caridade, como destacou Alberto Antunes de Abreu.

Confraria tipicamente urbana, conferia prestígio à povoação onde se inserisse e a quem a ela pertencesse. Fazer parte da instituição de inspiração cristã apostada na prática das obras de misericórdia, sete corporais e outras tantas espirituais, comprovava boa conduta moral e respeitabilidade.

Fão, que não aceitava posição subalterna em relação à sede concelhia, a quem se encontra administrativamente ligado desde 1842, esforçou-se por ter a sua misericórdia. Como aconteceu no século

passado, com bombeiros e clubes desportivos próprios.

O hospital, como estrutura autónoma para acolhimento de doentes, começou a funcionar só em 1853. Até essa altura, não passava de uma «casinha terreira» onde, depois, morou o servo (sacristão). Af seriam acolhidos temporariamente velhos e idosos desamparados, mais para lá do que para cá. Funcionaria, também, como poiso de peregrinos – dar pousada aos peregrinos é uma das obras de misericórdia – que viessem cumprir promessa ao Senhor Bom Jesus ou a caminho de Santiago de Compostela. A travessia era na Barca do Lago, no sentido da estrada real. Muitos peregrinos chegavam com os pés em chaga viva. Com algum descanso, vinagre e outros produtos caseiros, lá ganhavam coragem para chegar ao mosteiro beneditino mais próximo, Palme, no concelho de Barcelos, S. Romão de Neiva ou Carvoeiro, no concelho de Viana.

Estão documentados actos médicos antes do primeiro hospital. Actos avulsos, sem médico regular. E não pode confundir-se médico, que receitava «drogas», a que hoje chamamos medicamentos, com «cirurgião». Alguns ditos «cirurgiões» não passariam de endireitas e barbeiros de sangrias. Eram os chamados «cirurgiões da freguesia». Em 1866, o cirurgião do hospital, Manuel Fernandes Carreira, «achou-se rapidamente doente». Enquanto foi aberto concurso público, para preenchimento da vaga, ocupou provisoriamente o seu lugar o cirurgião da freguesia de Fão, chamado José Timóteo de Passos Pereira Maciel.

O hospital pouco tempo resistiu à falta de meios financeiros. Reabriu em 1855, por causa da epidemia da cólera e graças ao conforto de parte da herança de João dos Santos Cardoso, que casou com uma viúva rica do Porto. Comerciante de fazendas, morou em Santo Ildefonso, ficando o seu corpo depositado no «carreiro» dos Clérigos, uma das irmandades de que foi benfeitor.

Em 1877, fazia-se cirurgia a valer e a doer. O preço de utilização de ferros e outros instrumentos para amputação estava tabelado em 2000 reis; para extracção de tumores, 1000 reis; choques eléctricos, 40.

E que «drogas» ou remédios eram ministrados? Quando em 1866 a Mesa se desentendeu com o farmacêutico, mandou vir directamente do Porto, remédios, «lá muito mais baratos», como óleos de fígado de bacalhau, de ricino e amendoim doce. Nesse mesmo ano, foi decidido que se semeasse linho e mostarda para aplicação no hospital.

O hospital foi-se degradando, apesar de obras constantes e telhado novo, a cargo de Manuel José de Sousa, das Necessidades e do mestre caiador Miguel Rosas. Crescia o número de doentes de Fão e das freguesias vizinhas e só havia duas pequenas enfermarias. Nem sequer um quarto particular, nem espaço para acolher doentes com doenças transmissíveis, como a tuberculose e venéreas. A enfermaria das mulheres estava em contacto com a dos homens. Ainda se festejaram melhoramentos do velho hospital em 1903. A respectiva despesa consta da acta das reuniões da Mesa: padre celebrante, 1000 reis; mestre de cerimónias, 600, padres assistentes, 1500; pregador, 5000; filarmónica e cantores, 6000; cera, 4500; vinho e doce para o pregador, 480; alfinetes, 240; lavagem do hospital e das secretarias, 600; mulher para fazer ramos, 1000; aluguer de bandeiras, 450. Como se vê, as confrarias religiosas não emprestavam objectos religiosos: alugavam-nos.

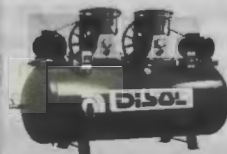
(Continua)

DISOL



**FERRAMENTAS
ELÉCTRICAS**

COMPRESSORES



GERADORES



ANTUNES & IRMÃO

Rua de Ourals, 90 - Apartado 1077 . 4471-909 Maia . Telefone 229 607 075 . Fax 229 607 076

DAR SANGUE É DAR VIDA



**Dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever de dar,
antes do direito de o receber**

PÁGINA AGRÍCOLA



ABELHAS

TRABALHOS DE PRIMAVERA

Para as abelhas, a Primavera começa logo que haja flores nos campos e que as temperaturas do ambiente subam um pouco depois do Inverno. As colónias de abelhas iniciam uma actividade intensa, que se resume a dois objectivos: a revolta de reservas alimentares e a multiplicação da colónia. A multiplicação natural das colónias chama-se **enxameação**. Este processo consiste na formação de um enxame que abandona a colónia original, levando consigo a abelha rainha. A colónia de origem fica apenas com cerca de 1/3 das abelhas que tinha, mantendo também a criação. Nesta criação há células reais, de onde irá surgir a rainha nova.

Uma das causas da enxameação é, normalmente, a falta de espaço. Por um lado, a colónia aumenta a população e, por outro, ocupa muitos dos seus favos com as reservas de mel.

O trabalho do apicultor pode aproveitar tanto a tendência das abelhas para armazenarem mel, como os mecanismos de divisão (ou **desdobramento**) dos enxames, conforme os seus objectivos sejam produzir mel, ou enxames. Em princípio, deve-se optar por uma coisa ou por outra. Uma regra a ter em conta é que:

O desdobramento diminui a produção de mel da colónia

PRODUÇÃO DE MEL

Quando o apicultor faz esta opção deve evitar os perigos de enxameação e aumentar o espaço para o armazenamento do mel, através da colocação de alças sobre o ninho, conforme as necessidades da colmeia.

Regras para evitar a enxameação:

- Substituir as rainhas velhas, deficientes ou esgotadas, bem como as estirpes com tendência à enxameação.
- Controlar o desenvolvimento da colónia.
- Substituir as ceras do ninho.
- Colocar as alças atempadamente.

Regras para a colocação de alças:

- Pôr a primeira alça sobre o ninho logo que este animal tenha 8 quadros ocupados pelas abelhas.
- Colocar nova alça logo que a anterior esteja ocupada, ainda que não tenha mel. Pôr novas alças sempre que necessário.
- Evitar que cada colónia tenha mais de 4 alças. Se estas não forem suficientes devem-se criar os quadros com mel já operculado das alças existentes.
- No final do período de produção (Verão) evitar um número excessivo de alças, para que as abelhas depositem as reservas de mel no ninho.

DESDOBRAMENTOS

Se a opção do apicultor é produzir enxames, a técnica mais aconselhada actualmente é fazê-lo sem causar stress nas colónias a dividir. Para isso, as rainhas são produzidas em colónias exploradas só para esse efeito, e introduzidas nas novas colónias. Deve-se ter em atenção os seguintes aspectos:

- Seleccionar a colónia a desdobrar.
- Utilizar rainhas novas e fecundadas nas novas colónias.
- Desdobrar em épocas de floração abundante.
- Alimentar as novas colónias, se necessário.

POVOAMENTOS

A instalação de um novo enxame numa nova colmeia pode ser feita a partir de um **enxame nu**, (isto é, apanhado no exterior), ou a partir do desenvolvimento de uma colmeia. Em qualquer dos casos deve-se considerar sempre, o seguinte:

- Garantia de sanidade do enxame.

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO

- Que a colmeia ou o núcleo onde as abelhas são instaladas é novo ou está bem desinfectado.

- Que a rainha seja nova.
- Que a nova colónia fique fora do alcance da pilhagem de colónias em produção de mel.

Que exista floração abundante.

- Fornecer alimento, se necessário.

FIM

PRODUÇÃO DE COGUMELOS

Os cogumelos considerados desde longa data seres misteriosos, que irrompem da terra vigorosa e abundantemente após chuvas violentas, trovoadas e relâmpagos, têm sido desde épocas remotas associados a fadas, faunas, gnomos e duendes.

Porém, se na realidade eles brotam do solo quase por magia, se necessitam de determinadas condições climáticas e ambientais para frutificarem, suponho não haver, no entanto, qualquer hipótese de magia no seu modo de nascer e viver.

Quanto mais vamos aprofundando os nossos estudos acerca dos cogumelos, mais nos convencemos, embora com certo desapontamento, o pouco que conhecemos estes seres. Na realidade, eles guardam ainda bastantes segredos, tanto do ponto de vista da sua existência, como ainda da sua utilização nos domínios da química orgânica, agro-alimentar, da biotecnologia e da medicina.

Embora sejam numerosas as espécies de cogumelos silvestres comestíveis, somente, pouco mais de 30 espécies são utilizadas na alimentação humana, as quais, no entanto, só podem ser obtidas em determinadas épocas do ano, na Primavera e no Outono.

Porém, o ser humano com a sua proverbial insatisfação, ansiando sempre ter à sua disposição tão apreciado acepipe, tentou e conseguiu cultivar algumas das espécies silvestres.

Desde longa data, cerca de uma centena de anos, se tem tentado a cultura de várias espécies, quer mediante cuidadoso e paciente trabalho de investigação, quer procurando sempre melhorar as técnicas tradicionais de cultivo, quer ainda introduzindo outras mais sofisticadas, as quais, no entanto, exigem dispendiosa aparelhagem e condições ambientais controladas.

(Continua no próximo número)

DESPORTO

Por José Belo



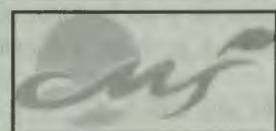
ÁGUIAS DE SERPA PINTO



Américo Monteiro, depois de vários anos ao serviço das camadas jovens do Juventude de Mar, é o Director Desportivo da equipa de Andebol Sénior Feminino do ASP, treinada pelo também fangeiro Prof. Mário Gomes.



TIAGO VALE, é novo seccionista das Escolinhas de Andebol Feminino do ASP, que sábado dia 6 de Nov. começaram a exhibir-se, no Pavilhão de Fão. Ao jovem fangeiro e "suas" meninas desejamos muitos êxitos !



CLUBE NAÚTICO DE FÃO, HOMENAGEOU EMANUEL SILVA.

Como haviam prometido a Direcção do CN Fão, realizou uma cerimónia no Centro Cultural de Fão, na presença de várias individualidades, no passado dia 10 Outubro em que agraciou o jovem canoísta pela sua prestação nos Jogos Olímpicos de Atenas.



HÓQUEI CLUBE DE FÃO

Início fulgurante da equipa de Infantis A!

Resultados: Campeonato Regional de Infantis A:

Fão, 7 Limianos, 2 ; ED Viana, 0 Fão, 4; Fão, 4 Braga, 1 ; OC Barcelos, 2 Fão, 3; Fão, 3 Riba d'Ave, 4

Convívio de Infantis B: Fão, 9 Limianos, 9 ; ED Viana, 2 Fão, 4; Barcelinos, 7 Fão, 4; OC Barcelos, 3 Fão, 3

Taça do Minho (Jovens): Fão, 0 Riba d'Ave, 4; ED Viana, 7 Fão, 1 ; Fão, 0 OC Barcelos, 16; Riba d'Ave, 9 Fão, 1

Camp. Reg. Iniciados: Fão, 5 Limianos, 3; Viana, 0 Fão, 2; Barcelinhos, 0 Fão, 12; Fão, 2 Braga, 2; Barcelos, 10 Fão, 0.



António Araújo rodeado pelos seus pupilos (Iniciados), dá as suas instruções aos seus hoquistas

HC FÃO, 2 HC BRAGA, 2

(INICIADOS) 17 Outubro. 2004, Pav.Fão

HC Fão: Carlos Lima; Paulo Carreira (Rui Morais), João Soares, Vasco Queirós e Diogo Lopes. Paulo Ribeiro, Nuno Sá e Sérgio Moreira.

Treinador: António Araújo

Golos: Vasco Queirós (2)

Campeonato Nacional de Andebol 2ª Divisão:

1ª. Jornada: MaiaStars, 23 ASP, 16 (24 Out.)

2ª. Jornada: C.D.U.Porto, 27 ASP, 21 (31 Out.)

3ª. Jornada: ASP x Salreu, (6 Nov.), em Fão



Adolfo Pereira (em cima) e **Rudolfo Sobral** (em baixo), dois bons guarda-redes nos Infantis do Hóquei Clube de Fão.



HC FÃO, 4 HC BRAGA, 1

(INFANTIS A) 17.Out. 2004, Pav. de Fão

HC Fão: Adolfo Pereira; Luís Morgado, Vítor Hugo, Rafael Curto e Paulo Sousa.

Suplentes: Pedro Costa, Júlio Escrivães, Eduardo Sá e Rodolfo Sobral.

Treinador: Miguel Pimenta

Golos: Luís Morgado, Vítor Hugo e Rafael Curto (2).

HC FÃO, 3 RIBA D'AVE, 4

(INFANTIS A) 31 Outubro. 2004, Pavilhão de Fão

HC Fão: Adolfo Pereira (Rudolfo Sobral); Luís Morgado, Vítor Hugo, Rafael Curto (Paulo Sousa) e Rafael Costa .

Sup. Pedro Costa, Júlio Escrivães e Eduardo Sá.

Treinador: Miguel Pimenta

Golos: Vítor Hugo e Rafael Costa (2)

PRIMEIRA DERROTA DOS INFANTIS A, QUE RECUPERARAM UMA DESVANTAGEM DE 3 GOLOS QUE NO ULTIMO SEGUNDO IAM EMPATANDO.

O Agon grego

Os Jogos Olímpicos foram as maiores provas desportivas que se realizaram na Grécia, no período arcaico (até finais do século VI a.C.). Este período caracterizou-se igualmente pela formação de Cidades-Estado que eram constituídos por um centro urbano e por uma zona interior rural a cujo conjunto se dava também o nome de Polis que correspondia à *nação* dos tempos de hoje. Nela conviviam três classes: a *aristocracia* que possuía o poder político e social; os *cidadãos livres* que detinham os direitos e os deveres que lhes estavam consignados; finalmente os *estrangeiros* ou *metecos* e os *escravos* que não beneficiavam de quaisquer direitos.

A Grécia era assim constituída por uma mescla de pequenos estados independentes ou, com mais precisão, ferozmente autónomos que formavam a Grande Pátria Grega, impulsionados ou religados pelo Agon político que essencializava a alma de cada habitante da Hélada.

O que era este Agon grego? Confesso que sempre tive ou sempre experimentei dificuldades relativas no intento de o compreender até que me surgiu um outro conceito paralelo: alma benfiquista. O que é possuir uma alma à Benfica? Parámos e começámos a reflectir encostados a esta pergunta: o que é possuir uma alma à Benfica? É amá-lo acima de todas as coisas; é querer-lhe muito, é assistir a todos os jogos, é defendê-lo em todas as discussões e em todas as turbulências.

Mas voltamos ao Agon grego: era um conjunto implicado de valores simbióticos que se reforçavam mutuamente e que tinham a sua expressão máxima nos combates, nas provas desportivas e no esforço da aprendizagem. Em causa como adjuvante e como resultante, sonhava e crescia uma força física que ressumava uma vertente moral que impunha as suas leis a que nós hoje chamamos regras do jogo. Daí o afã explícito tanto no Ginásio, como na Academia ou no liceu de que a vitória não se adquiria por qualquer preço.

O Agon era uma conduta estruturada num sistema de valores em que a honra detinha o primeiro lugar, ao lado de combate, coragem, resistência, patriotismo e a própria vida.

Daqui se infere que a desonra era a pior coisa que podia acontecer a um homem⁽¹⁾.

Já estou a ouvir o leitor a resmungar: mas pode-se comparar o Agon dos Gregos com um possível agon benfiquista? É só para explicar melhor o conceito de Agon. Conseguí?

(1) M. J. Finley - Les premiers temps de la Grécia.

A. Saraiva

O CU

O Código Universal. Eis a mais recente invenção do Governo Santana: O Código Universal.

Novo projecto do Governo para simplificar a vida aos Portugueses...

E, dizem, uma maravilha da técnica. Decorar números como, BI N.º CONTRIBUINTE; NIB; PI; NIF.

Multibanco, cartão de crédito, etc., deixa de ser necessário com o projecto do Código Universal.

Este projecto visa acabar com a burocracia, dando a cada indivíduo um Código Universal (CU).

Veja como o CU será importante na sua vida: No início, o CU servirá apenas para necessidades básicas mas, com o tempo, proporcionará inúmeras vantagens.

Ao pedir um empréstimo no Banco, por exemplo, bastar-lhe-á mostrar o seu CU.

Quando fizer uma compra, basta dizer ao empregado da loja: Meta no meu CU", e as suas compras ficarão logo pagas.

O seu CU servirá também como identificador. Caso esteja perdido, ou com amnésia, basta dar o CU às autoridades e elas facilmente o identificarão.

ESPOSENDE

*Oae
Way*
CAFÉ

Zona Histórica da Cidade

Empreendimento «Família Vinha»

sito no gaveto das Rua Narciso Ferreira, Senhora da Saúde e Barão de Esposende, loja 10 J

Diárias de 2.ª a 6.ª feira

Take Away

Entrega grátis ao domicilio
aprox. 30 minutos

Buffet de saladas

Lasagnas

Francesinhas

Hamburgers

Pastelaria

Telefone: 253 961 566



Clínica Dentária Conde de Castro

Cláudia Silva / Sandra Silva
Médicas Dentistas

Horário de Funcionamento

2.ª a 6.ª feira: das 9:30 às 12:30 e das 14:30 às 19:30h
Sábado: das 9:30 às 12:30

Rua Conde de Castro, 25 - 1.ª Esquerdo/Frente
4740 ESPOSENDE Telefone: 253.96 16 16



Além disso, o seu CU serve também a causa da segurança. Um ladrão saberá que pode ser facilmente reconhecido se usar um CU que não seja o dele. Isso intimidá-lo-á, pois afinal, quem tem CU tem medo.

Agora perguntará: "Será que estou pronto para usar o CU.

Se achar que sim, não se esqueça de o usar em casa ou no trabalho e de dar o CU à Secção de Pessoal para receber o ordenado.

PS: O melhor é estar de olho no CU de forma a mantê-lo sempre em forma e actualizado. E, nunca se esqueça, quando sair de casa:

PREPARE-SE PARA DAR O CU OU A QUEM LHO PEDIR.

... Tens que estar preparado(a), para isto. O Estado Agradece.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:

Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
J. C. Vinha Novais
A. Ramos Assunção
Artur L. Costa
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
Dias Costa
Florinda de Almeida
Maria Henrique Duval
Rosa Fonseca
António Vilana
Maria Salomé
António Curado
Artur Saraiva
Edmundo Marques
José Cândido Gomes da Fonte
Emília Saraiva
M.ª Antonieta Barros Lima
Zita Saraiva
Ruben Agonia
José Belo

REGISTO DO TÍTULO: 110131

CONTRIBUINTE N.º 143 241 702

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Av. Dr. Henrique Barros Lima, Bloco A, 201
4740 FÃO
Apart. 36 - 4740-908 FÃO
Telm. 919 451 667 / Tels. 226 000 295 / 253 981 475

TIRAGEM: 1.100 Exemplos

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 - 4490-628 PÓVOA DE VARZIM
Tels. 252 615 230 / 252 684 318 - Fax 252 684 304

Testemunhos do Passado (I) — Por JOSÉ BELO

Na Riqueza dos Noventa

Este subtítulo justificou-o porque penso não há maior valor, que a vida. A experiência de vida, o testemunho da vida, da própria vida daqueles que atravessaram quase um século inteiro, de tantas transformações, guerras e conquistas, invenções e epidemias, segregações e libertações, de fome e de abundância, de grandes perdas e grandes vitórias, de grandes homens e movimentos, de alguma destruição, mas muitas grandes obras e progresso a que a nossa terra e a nossa comunidade não foi alheia, como na generalidade do país. Riqueza pelo que são e representam e pela forma muito carinhosa como são tratados pelos seus familiares, os mais directamente beneficiados dessa longa estadia nesta efémera vida terrena.



O Manuel Jesus Alves Lopes (1912), apesar da sua idade, ainda se cultivava diariamente, lendo os jornais que vimos folhear no café de seu filho "O Motinha" e vai cultivando, nas traseiras da casa, onde mantém uma pequena leira, plantando alguns legumes e outras plantas. Fez escola na Amorim Campos, onde leccionavam D. Helena Vieira e D. Palmira Vasco. Ao tempo lembra a grande polémica que foi a vinda do Prior Nogueira para Fão, mal aceite por uma parte dos paroquianos da época. Assim, vários fangueiros tiveram de levar os filhos a Gandra, onde o Prior podia ensinar a catequese. Falou-nos ainda de um célebre funeral, celebrado pelo Prior Nogueira, curiosamente na rua que mais tarde veio a ter o seu nome, em que um dos seus opositores (Tobias), disparou um tiro do meio da multidão e que o obrigou a fugir, tendo as exéquias sido concluídas pelos cidadãos. Ainda me lembro de ver essa velha pistola, já sem tambor, que meu pai "herdara" de meu avô Alberto Belo "Bebé", a quem o dito Tobias solicitara o arranjo e não mais a resgatara. Segundo o senhor Manuel e outras pessoas da época, o Prior Nogueira, há muito venerado como



autentico santo, acabou com o tempo por ser aceite e encontrou nos antigos contestatários, os seus principais apoiantes e dedicados paroquianos. Esfinge do Prior Nogueira, na Alameda do Bom Jesus, uma homenagem dos fangueiros, que reconheceram a grandiosidade deste Padre, sepultado em Gemeses aonde muitos dos nossos conterrâneos vão assiduamente a pé em peregrinação. Neste tempo Fão também estava muito dividido pela política entre republicanos e monárquicos e até a rivalidade e conflitos com os vizinhos de Esposende nunca foi tão acesa. Presenciou o grande incêndio da Fábrica do Felgueiras, que ardeu durante 3 dias e mobilizou todos os poucos bombeiros da época, com os parques meios de então e grande parte da população. Casou em 1939 com Alzira Dias, estabelecendo-se na rua Azevedo Coutinho com uma mercearia, na altura da 2ª Grande Guerra, pelo que recorda muito bem esse tempo de grande dificuldades, em que só se podia vender e comprar com senhas fornecidas pela autarquia, que também regulava e fiscalizava os preços. Tal como os outros merceiros da época (Rufino Alves, Domingos Reis, Portela (Pedreiras), Francisco Cheilho", António G. do Baixo, entre outros teve de responder no Tribunal Militar, que lhes aplicou uma pena suspensa e pesada multa, por ½ tostão cobrado acima da tabela. Desmotivado pelas várias dificuldades e a morte da esposa, muito nova, abandona a loja e vai trabalhar no "Hotel Ofir" com Sousa Martins, onde também fazia de banheiro no verão, tendo partido com este para o Hotel Suave-Mar, em Esposende.

Depois do Suave-Mar onde foi porteiro, passou o resto da sua vida laboral, ao lado do António Vilar "Pieira", tendo sido o homem de confiança deste empreiteiro, acompanhando de perto as primeiras construções de casas e estradas principalmente na zona de Ofir.



Em cima, Américo Gomes do Baixo (à esquerda), na altura em que estava no Brasil e tinha o seu próprio estaleiro em Niterói, a "Construtora DIOMA", onde durante 3 décadas fabricou inúmeros barcos desportivos, de pesca e de recreio. Tudo começou, quando seu pai, também ele carpinteiro, o trouxe com ele, para trabalhar nos Estaleiros Navais de Fão, ao serviço do Mestre Francisco Ferreira "Feliciano", (foto, em cima à direita) que lhe pagava 1 escudo por dia, decorria então o ano de 1922.

Recorda ainda o grande barracão, a oeste da fábrica de serração, onde armazenavam os seus materiais, e os outros Estaleiros de José Linhares, dos Santos Bordas e dos "Sinaré". Quando Francisco Ferreira, fechou aquele que foi o último estaleiro em Fão (1928), foi para o Estaleiro que este construtor montou em Esposende, onde também seria o último da época, a fechar as portas, no ano de 1948.

Dos estaleiros falou-nos do grande número de trabalhadores não só de Fão, como de Fonte Boa (sua terra natal), Gandra e Marinhas, entre carpinteiros, calafates, serradores e ferreiros, destacando os "Peles", ascendentes dos "Pancas", como grandes artistas, juntando-se mais 50 homens no mesmo estaleiro, num trabalho que sendo ar livre, era sazonal.



Barco engalanado para o "bota-abaiço", nos antigos Estaleiros de Fão, vendo-se à direita o grande barracão de que fala o senhor Américo. Alguns anos depois, o nosso entrevistado foi trabalhar para os Estaleiros Navais de Gaia, em frente às Caves de Vinho do Porto, onde se construíam traineiras e barcos de carga, sempre como carpinteiro. Então, como muitos na época decide tentar a sorte no Brasil e compra passagem em 1939, parte só em 1940, devido ao eclodir da II Guerra Mundial e parte em Janeiro, numa viagem que durou um mês, porque o navio teve de fugir à rota de submarinos e barcos de guerra. No Rio de Janeiro, foi acolhido pelo Emídio Moraes (da Farmácia) e um familiar conseguiu-lhe emprego nos Estaleiros "Hidráulica", que fazia manutenção e reparações de navios a vapor. Mais tarde, foi para o "Iate Clube do Rio", na zona de Botafogo, onde trabalharam alguns fangueiros, que também construíam barcos de recreio e desportivos de pequena e média dimensão, como o "Classe Brasil" (Veleiro de alto mar) e o "Classe Star" (para regatas). Voltou a Fão, onde esteve entre 1946 e 1950, tendo trabalhado com seu irmão António na loja e regressou ao Brasil, casado com uma fangueira, com quem ainda vive há mais de 50 anos e com quem veio várias vezes de visita a Fão, até regressar definitivamente em 1989.